

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SILVA, Nelson do Valle. Nelson do Valle Silva (depoimento, 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 0min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO FORD e FUNDAÇÃO FORD. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Nelson do Valle Silva
(depoimento, 2012)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Levantamento de dados: Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira; Verônica R. Bevilacqua Otero Spicer;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria; Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 29/02/2012

Duração: 1h 0min

Arquivo digital - áudio: 1; MiniDV: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória de um Office na periferia: o Escritório da Fundação Ford no Brasil”, desenvolvido em convênio com a Fundação Ford, entre janeiro de 2011 e julho de 2012, com o objetivo de constituir um acervo de depoimentos histórico-documental sobre os 50 anos da atuação da Fundação Ford no Brasil e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

Temas: Acesso à informação; Agradecimentos; Anos 1960; Anos 1970; Anos 1980; Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS); Bahia; Bolsas de estudo e de pesquisa; Brasil; Casamento; Censos; Centros de pesquisa; Ciências Sociais; Congressos e conferências; Demografia; Discriminação racial; Disseminação da informação; Distribuição de renda; Educação; Ensino superior; Estados Unidos da América; Estatística; Estratificação social; Estrutura econômica; Etnias; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ); Fundação Ford; Genealogia; Gênero; Informática; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); Movimento negro; Pesquisa científica e tecnológica; Política científica e tecnológica; Pontifícia Universidade Católica; Pós - graduação; Produção intelectual; Sociedade civil;

Sumário

Entrevista 29 de fevereiro de 2012: O doutorado na Universidade de Michigan; o trabalho na área de demografia histórica e genealogias brasileiras; os censos demográficos de 1960 e 1970; o mestrado na Pontifícia Universidade Católica (PUC) na área de informática; o trabalho no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o doutorado em Michigan sobre diferenças raciais na distribuição de renda; o trabalho no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); a ponte entre Ciências Sociais e Estatística; a criação de um grupo temático na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs); a tese de Carlos Hasenbalg sobre raça na estratificação social; o estudo sobre a questão do casamento inter-racial; o trabalho no Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC) na área de Educação; o apoio da Fundação Ford e Nigel Brooke nos anos 1990; o trabalho no Centro de Estudos Afro-Orientais; o censo de 1980 e a pressão do movimento negro sobre a volta do quesito cor; o papel da Inter-American Foundation e da Fundação Ford sobre questões de gênero e raça no Brasil; questões raciais, educacionais, sociais e econômicas no Brasil; a preocupação da Fundação Ford com a produção de conhecimento; a comissão de seleção de bolsa de Antônio Risério; o episódio da conferência sobre os branco-pretos na Bahia; as pesquisas de Alberto Mello e Souza sobre educação; o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ); a intensificação da ampliação de dados públicos; agradecimentos finais.

Entrevista: 29/02/2012

L.O. – Nelson, eu sei, quer dizer, todos que acompanham as Ciências Sociais no Brasil sabem da importância de estudos de Carlos e seu... Como é que vocês começaram a fazer as pesquisas sobre desigualdade racial e social no Brasil?

N.V. – Do lado do Carlos eu não faço a menor a ideia. Ele estava fazendo a tese dele... Ambas são teses de doutorado. As duas experiências são de doutorado que foram feitas mais ou menos simultaneamente, ok? Ele fez em Berkeley e eu fiz na UMICH¹. Quando eu estava fazendo, eu sabia que o Carlos estava trabalhando nesta área. E o Carlos eu conhecia de vista, não é? Você deve lembrar que ele foi professor da PUC para alegria das meninas da PUC², não é verdade? Para delírio das meninas ele foi professor lá. Então eu conhecia ele de vista, está certo? Sabia que ele estava no Iuperj³, mas não sabia mais nada além disso. Em 1976, eu estava em busca de uma tese de doutorado. Eu tinha terminado os meus prelibes e eu ia trabalhar na área de demografia histórica, que era a minha área favorita. Vim para o Brasil para ver questões de genealogia para poder montar e descobri que as genealogias brasileiras não nos prestavam muito, porque as questões das crianças recém mortas, nasce e morre, passam a sem registros. Então você não consegue fazer muitos cálculos demográficos a respeito disso. Dado que eu tinha um ano e meio para voltar – eu tinha que voltar em agosto de 78 (eu fui em 74) – tinha que inventar um outro tema. Acontece que eu tinha comigo uns dados do censo de 60, uma amostra que foi tirada para fazer uma publicação no IBGE⁴. O censo de 60 não tinha sido publicado até então porque teve um escândalo administrativo daqueles que costumam acontecer no Brasil, não é? Tinha-se comprado o maior computador do mundo, só que era para rastrear satélites. Ele não tinha *output*. Então você tinha um censo demográfico que você não podia publicar. [riso] A publicação do censo era na máquina de escrever. Obviamente fecharam, empacotaram o computador, os dados e tudo o mais e estava em Mangueira quando voltei para o Brasil. Lá encontrei coberto com poeira. Mas eu tinha essa amostra. Aí, eu resolvi,

¹ University of Michigan

² Pontifícia Universidade Católica

³ Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro

⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

então, que ela poderia ter um... Como os dados... A questão de cor não existia porque o censo de 70 tinha eliminado...

L.O. – Mesmo aquela “brancos, negros e pardos” tinha eliminado?

N.V. – Tinha. Em 70 não tinha nenhuma. Se achava que essa não era uma questão que tinha sido mensurada cientificamente, como se em Ciências Sociais tivesse definições científicas de qualquer coisa. [riso] Quer dizer, como se renda fosse uma coisa cientificamente mensurada. Bom, enfim, tudo bem. Então, como tinha eliminado, o último dado que existia era o de 50. Nós já estávamos em 1978. Há vinte e tantos anos que não existia dados sobre o...

L.O. – O de 60 também não tinha?

N.V. – O censo de 60 não foi... É o do escândalo administrativo e o censo de 60 não foi processado.

L.O. – Está certo.

N.V. – Ele foi processado em alguns estados e posteriormente, já nos anos 80, é que se acabou de processar. Então, arrumar um assunto de tese... Eu resolvi: “Bom, vou fazer alguma coisa na minha área de *minor* que era estratificação social”. Na área [INAUDÍVEL] era demografia.

L.O. – Só uma coisinha. Você veio a fazer a trajetória PUC, mestrado...?

N.V. – Ah, eu fiz mestrado na PUC em Informática, porque eu precisava de emprego. Na verdade eu queria casar e precisava de emprego. [riso] E na área de Informática os empregos eram ótimos. Então eu fiz mestrado, fui professor de Informática na PUC. Aí depois eu fui para o IBGE, justamente porque o IBGE estava precisando de gente treinada nessa área de Ciências Sociais e Informática. E lá do IBGE eu fui com uma bolsa da USAID⁵ para Michigan. Em setenta e qualquer coisa, não me lembro a data direto, o governo brasileiro e o governo

⁵ United States Agency for International Development

americano denunciaram o acordo MEC-Usaid. E eu estou lá em Michigan tranquilamente quando me telefone o meu orientador e diz: “Você não tem mais bolsa, prepara as malas para voltar”. Acontece que a Universidade me deu uma bolsa idêntica a que eu recebia. Então eu pude terminar a minha tese tranquilamente. Foi aí nesse momento que eu escolhi como tema de tese as diferenças raciais na distribuição de renda, entendeu? E foi aí que eu comecei a trabalhar nisso. Eu defendi a tese em maio de 78. Voltei para o IBGE, fiquei no IBGE até 1980. Aí depois disso daí eu fui trabalhar no Laboratório Nacional de Computação Científica no qual eu fiquei até dois mil e qualquer coisa, do qual eu sou pesquisador titular aposentado. [risos] Mas sempre trabalhei no Iuperj, agora IESP⁶, sempre dei aula lá.

L.O. – Então, de alguma forma, algum momento você... IBGE e Iuperj, Laboratório...?

N.V. – Quando eu estava no IBGE, eu não trabalhei no Iuperj. Só no início, talvez, antes de ir para os Estados Unidos que eu dei aula. O primeiro curso que eu dei foi em 71, um curso de metodologia à quatro mãos por semana.

L.O. – Que sempre foi um desafio, não é? Como fazer a conversa do povo das Ciências Sociais com o povo da pesquisa, da estatística..

.

N.V. – Eu estou até hoje nisso. Eu estou tentando escrever um texto justamente... Eu estou tentando facilitar essa ponte que é muito complicada.

L.O. – Diante disso você diria assim; o que esse seu trabalho, vamos dizer assim, foi bem recebido pelas pessoas?

N.V. – Levou muitos anos, porque... Bom, deixa eu dizer... Muitos anos mais ou menos. O que aconteceu? Eu voltei em 78 e fiquei no IBGE como chefe de departamento de Estudos e População. Em 79, um grupo comandando pelo Carlos – que até então eu conhecia de vista, conhecia na PUC - organizou na Anpocs⁷ de 79 um GT sobre temas e problemas da população

⁶ Instituto de Estudos Sociais e Políticos

⁷ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais

negra no Brasil. Então ele me chamou para ir lá assinar um documento, para acionar para a criação do grupo etc., etc. Coisa que eu fiz. Fui junto e a gente conseguiu emplacar esse grupo de pesquisa, grupo temático na Anpocs. E foi lá que de fato as coisas começam. A primeira reunião eu acho que foi em 1980... Pela lógica, porque se ele foi criado em 1979, pela lógica a primeira reunião foi em 80, não é? Se eu não me engano, mesmo mudando de nome, ele existe até hoje. E sempre foi, assim, um grupo que juntava um pouco as pessoas, os pesquisadores, e tinha também os ativistas. E a relação no início era muito engraçada porque eles eram muito agressivos. O movimento negro nos anos 70, que eu não sabia que existia – surpresa minha, eu descobri que existia o movimento negro muito agressivo. Fui interpelado várias vezes; o que eu estava fazendo ali, qual era o meu interesse naquilo etc., etc. Então foi aí que comecei de fato. Eu diria que 1980 é o ponto de partida para esse tema começar a ser discutido.

L.O. – E você... Quer dizer, falar sobre o Carlos, você disse: “Eu não sei as razões”. Mas eu acho que essa posição de Carlos é importante no sentido de abrir essa discussão no campo das Ciências Sociais que também...

N.V. – É, a tese dele, que acabou de ser reeditada, é uma tese mais teórica sobre relações raciais. A minha tese não é sobre relações raciais, é sobre raça na estratificação social. São dois temas muito diferentes, de perspectivas bem diferentes. Está certo?

L.O. – Mas somam bem.

N.V. – Somam, claro. O assunto de fundo é o mesmo, não é verdade? Mas eu pessoalmente nunca tive muito interesse pelo tema das relações raciais, não é? O meu interesse sempre foi a questão da estratificação. Mesmo posteriormente, já nos anos 80 quando eu estudei a questão do casamento inter-racial, foi sob o ponto de vista da estratificação, está certo? O casamento como uma medida da distância entre os grupos, não é? Várias noções do que é distância social, diferença econômica é uma delas, interação é outra. O casamento é um indicador de interação. Então se dois grupos interagem com frequência, eles são próximos, se não interagem são distante. Então você pode, a partir do padrão de casamento, inferir as distâncias entre os grupos. Então quando eu entrei na questão do casamento não foi sob relações raciais propriamente dito, mas sob o ponto de vista da distâncias sociais implícitas.

L.O. – Você estava falando que deu aula no Iuperj lá junto com o Simon e tudo.

N.V. – Foi de 71 a 74.

L.O. - E depois quando você, você volta...

N.V. – Não, não, porque eu estava envolvido no IBGE chefiando um departamento. Aí quando eu voltei a dar aula no Iuperj, voltei em 1980 também, aí com o Amauri e o Marcos Figueiredo. Desde de então nunca mais deixei de dar aula no Iuperj, primeiro como professor visitante. Quando eu me aposentei no LNCC⁸ como professor, virei também professor titular.

L.O. – Uma coisa que não é nessa linha, mas só eu me lembrei aqui. Você tem alguma relação ou trabalhou naquele projeto do Sérgio sobre a educação do LNCC, ou não?

N.V. – Sim, claro.

L.O. – Ah, então você vai nos falar a respeito daquilo que todo mundo cita...

N.V. – Trabalhamos juntos. O Sérgio e depois o Rubem Klein e eu e o José Almino de Alencar formamos um certo núcleo de pessoal ligado a temas de Ciências Sociais. Eu acompanhei, eu era muito amigo de Sérgio. Eu palpitei muito naquele projeto dele. E quando ele era do Inep⁹, o Sérgio foi diretor do Inep, ele me contratou para fazer um projeto para o Inep que era um modelo de simulação de fluxo dentro do sistema escolar da Educação Básica para você poder fazer previsão de tamanho de turma, tamanhos, não é?

L.O. – Isso é importante porque várias pessoas que a gente lê fala: “é importantíssima aquela pesquisa do...”. Mas, vamos dizer assim, a bem da verdade, eu só sei que teve uma pesquisa importante, o que significou de verdade eu não sei.

⁸ Laboratório Nacional de Computação Científica

⁹ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa

N.V. – O Sérgio foi mais um camarada que pegou algo que tinha sido feito e divulgou. Ele era mais um divulgador e com Ruben ele aperfeiçoaram o modelo. Mas quem é autor original é Claudio de Moura Castro e o Phillip Fletcher que foram quem fez o primeiro modelo chamado Profluxo. Aí o Sérgio ficou entusiasmado com aquilo e aí saiu pelo Brasil como pregador do combate contra a pedagogia da repetência que ele chamava.

L.O. – E disse que a Fundação Ford foi financiadora desse projeto ou não?

N.V. – Isso aí eu não sei. Embora o Sérgio conhecia bem o pessoal da Fundação Ford. Pode ser sim, faz sentido.

L.O. – E a Ford tinha todo um interesse em discussão sobre Educação, modelos educacionais.

N.V. – Quando eu parei de trabalhar com essa questão racial, eu continuei com o contato com a Ford justamente na área de Educação. O Nigel era o cara da área de educação e ele financiou uma pesquisa que eu... O chefe da pesquisa era o Alberto Mello e Souza, não é? Mas eu trabalhei... Eu, Alberto e mais dois colegas franceses fizemos uma pesquisa em três municípios do Rio etc., etc., com o apoio da Ford.

H.A. – Isso em que época? O senhor não vai saber o ano certinho, mas já é anos 80...?

N.V. – Não, já era anos 90... Com o Nigel [Brooke] nos anos 90 já...

H.A. – Vamos pela ordem cronológica, não é? Porque vai ser super importante saber sobre essa pesquisa, mas acho que a gente deve seguir aí na cronologia.

L.O. – Me diga uma coisa, você em algum momento foi chamado para pesquisar ou trabalhar no Centro de Estudos Afro...?

N.V. – Pois é, o Carlos, em um certo momento, foi convidado para chefiar o Centro de Estudos Afro-asiático que tinha lá... Era um negócio que parecia coisa de universidade inglesa: *afro-*

oriental studies. [riso] Aquela coisa muito engraçada. E não tinha nada sobre estudos afro-brasileiro. E aí o Carlos queria iniciar uma linha de estudos afro-brasileiro. Foi nesse momento que ele me chamou para... Enfim. O que eu mais fiz lá foi treinar pessoal... Treinar, enfim, pesquisa, não é? Os meninos lá tinham seus projetinhos e eu ajudava eles a trabalhar com dados... Mas fiz também pesquisa para eles. Essa coisa de educação e casamento inter-racional eu fiz já lá para o Centro Afro-asiático. Digamos, na qualidade de pesquisador do Centro Afro-asiático.

L.O. – O centro tinha mais gente na área de ativismo ou não, era estudos em geral?

N.V. – Não, não. Tanto que quando a Ford muda de direção e ela resolve fazer financiamento de movimentos... ONGs e tudo mais, o centro entra em colapso porque acabou o dinheiro. Pelo o que eu entenda, a Ford pagava ao Cândido e o Cândido pagava a gente, e a diferença do dólar naturalmente... [riso]

L.O. – Bons tempos aqueles. [riso]

N.V. – Melhor não entrar nesses detalhes do caminho do dinheiro, entendeu? [risos] Mas eu sei acabava... A pesquisa era financiada pela Cândido Mendes.

L.O. – Uma coisa que você vinha falando... Você mencionou que nos anos 60 o censo não foi processado, vamos dizer, e de 70 não teve a classificação de cor. E quando é que tem, vamos dizer assim, pressão para – aí vai ser nos anos 80 ou 90 não sei – que o IBGE mudasse a classificação?

N.V. – Já no censo de 80 já puseram, mas por pressão do movimento negro. Eles foram lá e arrumaram uma “quizumba” danada na presidência do IBGE e obtiveram do novo presidente. O professor Isaac era contra, na verdade foi ele que tirou do censo de 70 o quesito cor. Ele era contra essas coisas. Até final de 79, o IBGE era ligado ao Ministério de Planejamento e quem era ministro de planejamento era o Mário Henrique Simonsen. Em 79 a segunda crise do petróleo. O país entra em crise e o Simonsen propõe um ajuste fiscal nada popular. O professor Delfim Neto propôs um modelo Brasil para frente, acelerar, o que levou a crise dos anos 80

todo, passamos até dez anos pagando essa conta. Então, desse *clash* entre os dois, os Simonse foi demitido e o Delfim assume a pasta do planejamento. Ele estava na Agricultura. Você deve lembrar até do Jô Soares imitando ele. Pois é, ele foi para o planejamento e a primeira coisa que ele faz foi demitir o Isaac porque eram inimigos desde daquela coisa da inflação no início dos anos 70, não é? A manipulação da inflação que tinha sido demonstrada pelo IBGE. Então aquilo estava na garganta do Delfim que então demite o Isaac. Presidente novo, não sabia o que estava fazendo ali. Hora ideal para você colocar o movimento negro na sala dele aos gritos e ameaças. O bicho cedeu e voltou então o quesito cor ao censo. Isso foi setembro de 80.

L.O. – Mas tem uma tentativa também uma tentativa de mudar a classificação...

N.V. – Não, não. Veja bem, eu falei que o professor Isaac era contra, mas não era exatamente isso. Ele era contra na forma como estava, ele achava que era um tema que precisava ser melhor estudado. Então, ao mesmo tempo que ele eliminou do censo de 70 o quesito cor baseado no parecer de dois sociólogos, um antropólogo e um sociólogo, que são o Arthur Rios e o Manoel Diegues. Os dois deram o parecer, o Diegues dizendo a favor da manutenção porque assim se conhecia um pouco a maneira como o povo brasileiro se via, e o Arthur Rios dizendo que ele era contra porque não existia critério científico. A partir daí, o Isaac com esses dois, arbitrou que ia tirar fora, mas se comprometeu a fazer uma pesquisa, uma PNAD, especialmente sobre esse tema. Contratou pessoal para o IBGE, criou o departamento de Indicadores Sociais e deu como missão exatamente fazer o estudo dessa questão, em particular a Tereza Cristina Araújo, foi nossa colega da PUC, ficou responsável por essa parte. E foi feita, de fato, uma pesquisa que ampliava, tinha uma pergunta aberta sobre cor, e o problema era saber como a relação entre as duas coisas – forma aberta e a forma fechada -. Isso em 76. Mas foi justamente porque em 76 teve já esse, e os dados já estavam disponíveis em 78 e 79, que permitiu você ter combustível numérico para se pleitear a volta do quesito cor em 80 e depois em 86, por aí no meio da década de 80, o IBGE coloca como um item regular: quais são as questões que tem que perguntar? Assim, sexo, idades etc. Colocou cor também. Criamos o pacote básico das informações demográficas. O quesito cor não é origem, é um quesito demográfico. Não tem nada a ver com identidade ou coisa. Como sexo também não tem nada a ver com identidade, não é?

L.O. – É. [riso]

N.V. – E, aliás, ninguém fez até hoje nenhum estudo sobre identidade sexual a partir do censo.
[riso]

L.O. – Você até está levantando uma coisa importante: o que é um item de critério, vamos dizer assim, classificatório básico da coisa e o que é uma questão de identidade.

N.V. – Claro, mas são duas coisas diferentes. O uso que você faz delas é que varia. [riso]

L.O. – Mas me diga uma coisa... Acho interessante porque você está nos falando de como essa questão vai ganhando corpo e ganhando conflito, inclusive dentro da burocracia mais importante do Estado brasileiro produtor de dados sociais. Essa coisa do IBGE é importantíssimo.

N.V. – É, mas eu quero sublinhar aqui a importância do chamado Movimento Negro. Está certo? Foi uma surpresa para mim, primeiro a existência... Coisa que eu nem suspeitava, não é? E a tenacidade até, a articulação. Tinha muita gente envolvida nessa história.

L.O. – E me diga uma coisa. Porque essa questão, se eu posso colocar assim, tem uma discussão historiográfica, mas não é político-ideológica, nessa conversa toda que coloca, vamos dizer assim, discute o papel da Fundação Ford entre outras. Não é só ela, quer dizer, tem uma outra fundação, a Inter-American Foundation, que foi durante o governo – não sei a data – militar expulsos do Brasil. Você sabe alguma coisa sobre isso?

N.V. – Ela existe até hoje, não? Porque eu me lembro de ter participado de um seminário em noventas e tantos em Lima e eu acho que era coisa patrocinada por ela.

L.O. – Eles foram e depois retornaram.

N.V. – Inter-American... Que eu também não conhecia até então.

H.A. – Eles foram expulsos por questões raciais...

L.O. – Por colocar a questão racial no Brasil etc., etc.

N.V. – Ah, está certo.

L.O. – A embaixada brasileira em Washington, teve algum seminário...

N.V. – Até engraçado. Em 76 eu tinha contato zero com esse tema... Zero. O meu negócio era demografia.

L.O. – Mas então a Ford não só traz – não é ela sozinha, a gente sabe que não é isso – tanto questões de gênero como de raça. Óbvio que os movimentos feministas estavam pululando pelo mundo, ninguém traz na bagagem isso. E a Ford, de alguma forma, financia projetos na Fundação Carlos Chagas, em outros estudos de mulheres, não é? Estudos esses que têm sempre, às vezes uma coisa mais próxima, às vezes conflitos entre os ativistas e os pesquisadores, às vezes as duas funções são desempenhadas pelas mesmas pessoas o que facilita... Mas então ao fazer isso tem uma discussão ou uma acusação que a Ford estaria trazendo para o Brasil temas e questões que faziam parte do universo ideológico, intelectual, cultural norte-americano para o universo brasileiro.

N.V. – Florestan Fernandes, Octávio Ianni... Nada disso se preocupou antes sobre esse tema? Esse tema não existia antes no Brasil, certo? Ah, muito interessante. [risos] A minha tese é discutir Florestan Fernandes [risos], é o objeto da minha tese. Tudo bem, tudo bem...

L.O. – Acho que não é que não existia, é a forma de lidar. Essa conversa vai dar no conflito ou na diferença, o que fazer frente à distância, à diferenciação etc. Vamos dizer assim, essas são as linhas, mas de alguma forma se atribui à Ford um papel relevante nesta conversa e a gente observando o número de apoios que eles deram de projetos, nem é tanto assim, mas essa é uma conversa que...

N.V. – Eu imagino... Eu também não sei de muitos apoios além do Centro Afro-asiático, eu me lembro que davam muita força para Sueli Carneiro lá de São Paulo, que tinha um grupo lá, era

mais ativista, era mais voltada a ação e eu acho que só. Não me lembro de mais ninguém. Núcleos , não tinha núcleos de pesquisa, então...

L.O. – Nós vamos entrevistar Sueli agora dia 30. Então eu acho que essas coisas, vamos dizer assim, você de alguma forma sabe da importância da fundação Ford, mas também não está valorizando ela além da conta.

N.V. – É aquela coisa, você imaginar que tem um poder das idéias...

H.A. – E em geral as pessoas de dentro mesmo do *staff* costumam falar dessa forma que você está falando. Mas realmente a gente chegou a ouvir, pelo menos de uma pessoa que já foi do *staff* e de outros entrevistados que realmente tinha esse peso, até simbólico, de trazer uma visão norte-americana...

N.V. – Pois é, mas o que é visão norte-americana se quando você está tratando, por exemplo, a tese do Carlos é uma *visão* norte-americana? É uma visão sociológica, norte-americana... Não sei. É um pouco isso: é como se tivesse uma sociologia americana versus uma sociologia brasileira. O que é isso? Realmente eu não sei, e confesso que tenho uma preguiça danada de saber... [risos]

H.A. – Eu acho que seria interessante ele falar agora um pouco dessa pesquisa que foi com o Nigel, apoiando...

N.V. – Voltando em um tema assim: porque um dos problemas que eu vejo ser muito falado é digamos que Ford tarara tem patrocinado uma visão norte-americana e essa visão norte-americana estaria ligada a uma suposta visão dicotômica sobre as relações raciais. Esse papo é meio estranho. Veja bem: quando é que surge essa observação de que é viável você trabalhar com dois grupos raciais como uma forma de representação razoável da realidade. Surge justamente na minha tese. Naquela época você tinha duas (isso eu estou falando do início dos anos 70) visões contraditórias a respeito do Brasil. Você tinha uma visão freiriana, democracia racial etc. E você tinha uma outra, dos historiadores americanos, particularmente do Degler, que era a do *mulato escape hatch* (escotilha de salvamento do mulato), ou seja, que o mulato

no Brasil, o pardo no Brasil, tinha uma posição diferenciada e que portanto você por miscigenação escaparia da... Igual aquele quadro do Modesto Broco, Redenção de Cam. A minha tese era exatamente sobre diferenças de renda. Então a questão ou era medida em termos ou era medida na forma clássica (branco e preto parara, dentre esses grupos quais eram). O que é que eu faço? Na primeira parte da minha tese eu discuto exatamente essas duas visões sobre o Brasil, mostro que a visão marxista é na verdade “Freiriana” porque ela coloca nas diferenças de classe as explicações das diferenças raciais e, portanto, racialmente, estamos numa democracia e então ela não se diferencia. E você tem um Florestan Fernandes que diz: “Ah sim, existem diferenças raciais mas elas vão desaparecer porque na sociedade competitiva, o capitalismo vai acabar com isso”. Então a ideia é tentar mostrar que existem mecanismos de mercado, ou pelo menos existem evidências de mecanismos de mercado, que fazem você pelo menos ser cauteloso quanto a essas diferenças. Então, analisando os dados você descobre: primeiro, têm diferenças na distribuição de renda que não são explicáveis por diferenças de educação, de experiência, disso daquilo e daquilo outro. Coloca lá tudo, exceto a pia da cozinha (como dizem nos Estados Unidos). [risos] Coloca no teu modelo tudo e diz: “Bom, apesar de já estar tudo dentro do modelo tem uma diferença que permanece e que tem que ser explicada”. O que significaria que existem, para além de diferenças de classe, existem diferenças que são raciais e que não podem ser redutíveis uma coisa na outra. A segunda coisa que aparece é que... Posso desenhar aqui?

H.A. – Claro.

N.V. – É o seguinte: digamos que você tenha aqui educação e aqui você tenha renda. As diferenças são assim: aqui branco, aqui pardo, aqui preto.

H.A. – Só pra explicar, porque a gente não vai estar conseguindo ver ali...

N.V. – O que eu estou querendo mostrar só... O que eu estou desenhando aqui é uma relação entre educação e renda em que: um, você tem um enorme abismo entre brancos, de um lado, e pardos e pretos por outro lado, o que colocaria em dúvida o *mulato escape hatch*. Pardo não é tão diferente de branco, pelo menos nos termos do mercado de trabalho, isso não parece ser verdade. Esse padrão apareceu quinhentas vezes depois e isso era a coisa... Isso, aliás, chama

a atenção de uma coisa (isso é importante também): a diferença... O grupo branco era em torno de 55%, o grupo pardo em torno de 40% da população, o grupo preto 5% da população. Está certo? O problema não está em que a diferença entre branco e preto é grande e que você está juntando pardo com preto pra aumentar. Na verdade você pode fazer o que você quiser com o grupo preto, pode jogar fora, desconsiderar, etc. A diferença é entre branco e pardo, ok? Então, o que você fizer com o grupo preto tanto faz, mas a coisa mais lógica a fazer dado que eles são tão parecidos em termos do perfil sócio-econômico é, se você vai fazer uma análise posterior (e é o que eu faço na segunda parte da minha tese), você vai para os dados do mercado de trabalho e tenta descobrir quais são os mecanismos. Ora, se você vai fazer uma coisa que é mais fina, com dados mais detalhados, 5% não aguenta você fazendo em uma análise, você fica com tua amostra pulverizada. Você imagina, por exemplo, (que é o que eu fiz em seguida) eu fui olhar o que é que acontecia dentro de cada grupo ocupacional. Agora imagina você fazer um estudo de desigualdade de renda entre médicos brancos e pretos. Não tem médico preto. Você tem que fazer alguma coisa com eles. Como eu já tinha mostrado que eles eram parecidos, você junta. Está certo? Então essa coisa de você juntar os grupos, foi uma coisa que eu conheci... O grupo negro depois, o grupo do movimento negro apropriada, apropriada não, mas eles usam esse negócio, ele é uma coisa que não é uma posição normativa: deve ser assim. Não, nós fizemos assim porque era conveniente para a análise dos dados. E não podemos fazer outra coisa, ok? Então isso surge na... E a Fundação Ford não tem nada a ver com isso, isso aí é tese de doutorado, a Ford não tem nada a ver com isso. Curiosamente quando nós começamos a trabalhar com o patrocínio da Ford é que permitiu à gente entrar em outros temas, por exemplo no casamento. Se você olhar as distâncias - isso aqui são as distâncias - entre os grupos raciais quando você olha pro casamento (quem casa com quem, com quem frequência, etc.) esse padrão não aparece e toda essa literatura em que a gente diz que não é assim se você olhar os dados sobre sociabilidade, se você olhar padrões de sociabilidade entre os grupos, não é o mesmo padrão que aparece quando você olha dados do mercado de trabalho, ok? Pardo, por exemplo, é completamente diferente de preto e está mais perto do grupo branco do que do grupo preto.

L.O. – No caso do mercado ou do casamento?

N.V. – No mercado é isso que eu acabei de descrever, no caso do casamento não é. Se você olhar para a sociabilidade das pessoas, aquelas barreiras quase dicotômicas não existem. Mas

as pessoas ignoram isso, que ela lê o que bem entende, de preferência o menos possível. É preguiçoso para caramba, então não lê, e depois vem essa história. E é curioso que foi nesse momento que eu fui patrocinado pela Ford. Então é exatamente o contrário, quando você produz um material mostrando que o sistema de distâncias é não-americano, não é dicotômico, quando você produz essa evidência que foi patrocinada pela Ford já nos anos 80, isso aí fica de baixo do tapete.

L.O. – Você tem razão não é, as pessoas nem conhecem, sabem o que está acontecendo...

N.V. – É, mas foi publicado em livro, dados etc. [risos]

L.O. – Mas o que você está falando me lembrou da referência de alguns representantes ou responsáveis por área que sempre falaram, quer dizer, a Fundação Ford, independente de estar financiando, dando apoio pra este, para aquele ou aquele outro, sempre teve uma preocupação com a produção de conhecimento.

N.V. – E não interessava à direção... Nunca ninguém da Fundação Ford me disse o que eu deveria pensar, estudar. Ninguém nunca me sugeriu o que eu deveria fazer, eu sempre tive a liberdade de definir o que eu estava querendo fazer. Eu acho isso muito importante. Bom, é isso. Nessa mesma área de relações raciais, a Fundação Ford num certo momento resolveu dar bolsa de estudos para brasileiros e teve uma comissão de seleção da qual eu fiz parte. Era a Rebecca Reichmann que era a chefe aqui e acho que teve duas edições, eu só participei da primeira porque nós tivemos um certo conflito de opiniões e eu não fui convidado pra segunda banca de seleção. Eu me lembro bem porque... Não sei se você conhece o Antônio Risério era um dos candidatos e eu era o meu candidato favorito. Só que para os padrões brasileiros, ele era branco. Aí tem um pouco daquela coisa... Mas a Rebecca queria que fosse preto para padrões brasileiros, entendeu? Aí eu disse: “Mas não, o cara é tão superior aos outros candidatos e o tema que ele está estudando é o tema estudos afro-brasileiros. Porque não dar a bolsa pro cara se lá nos Estados Unidos ele vai ser considerado não-branco”. Teve essa pequena divergência, e aí eu só sei que na segunda edição eu não fui mais. E é uma pena porque o Risério é muito bom, ele é um cara... Um belo... Eu acho.

L.O. – E continuou fazendo os estudos...

N.V. – Continuou tudo, está claro, foi adiante. Era uma aposta óbvia.

L.L. – Porque a Bahia também tinha um centro afro-asiático...

N.V. – Claro. Mas era outra coisa, completamente alucinada. Para você ter uma ideia eu estava fazendo um estudo, dessa série dos estudos de casamento, eu não me lembro... Sobre quem se define... A relação entre a pergunta aberta e a pergunta fechada. A ideia é o seguinte, se você se diz: “Ah, eu sou moreno”, depois na pergunta fechada você diz que é branco, você é mais claro do que se você disse que era moreno e depois disse que era pardo. Provavelmente você é mais claro que um e mais claro que o outro. Então baseado nessa ideia, que eu acho razoável, eu fui estudar um pouco isso. Aí eu tinha lá as categorias: moreno-branco, moreno-preto, moreno... Está certo?

L.O. – Moreno-azeitona [risos]

N.V. – Eu fiz então lá esse trabalho e o Antônio Sérgio Guimarães, que trabalhava lá na universidade e tava ligado a esse grupo lá da coisa... Que ficava lá em cima no Pelourinho. Esse centro ficava lá. Ele me convidou pra fazer uma palestra e era tudo estatística, análise de correspondência e tal. Quando eu me dou conta, a sala estava cheia de mães de santo para assistir a minha conferência sobre os branco-pretos [risos]. De repente começa a debandada, as mulheres começam a sair da sala indignadas, como é que podia falar em branco-negro, branco-branco, enfim, aquelas combinações. Era uma coisa alucinada, eu não sei como é que está agora, mas era muito alucinada. Porque era muito ligado à coisa baiana mesmo, religião afro-brasileira no sentido de relações raciais mesmo, sobretudo a coisa da religião era muito forte lá nesse grupo baiano. Muito engraçado isso.

L.O. – [Risos] Mas eu já mais ou menos...

H.A. – Bom, eu vou voltar àquela pergunta da pesquisa dos anos 90 que você falou que foi... Aí não foi no CEAA.

N.V. – Não, não tem nada a ver. Eu era do LNCC, continuava sendo LNCC, e o Alberto Mello e Souza era da educação e nós somos muito amigos, ele fez doutorado também em Michigan. Quando eu cheguei lá ele estava voltando e ele ficou hospedado na minha casa durante um tempo, porque a família dele voltou... Enfim, nós éramos muito amigos. E essa educação eu sempre trabalhei por que era ligada à questão da estratificação. O Alberto estava pretendendo fazer uma pesquisa dessas pesquisas clássicas de educação: de um lado você quer explicar o desempenho escolar da criança, aí você tem as características da criança, da família, da escola, você vai coletar informação a respeito desse tripé – família, escola, criança, professores etc. – e isso foi feito e a Ford patrocinou essa pesquisa em três municípios do Rio de Janeiro.

H.A. – Quais eram os municípios?

N.V. – Caxias, Niterói e Friburgo. Infelizmente, alguns a gente queria... Eram outros municípios que a gente tinha selecionado, mas essa pesquisa, como era nas escolas públicas, requeria a cooperação da secretaria de educação desses municípios e alguns municípios se recusaram. E aí ficou nisso.

H.A. – E essa questão de raça estava?

N.V. – Não. Eu depois disso também dei uma consultoria para a Fundação Ford que estava preocupada com (e aí já era o Edward Telles) a questão do treinamento em metodologia quantitativa no Brasil e ele pediu que eu fizesse um relatório, um parecer sobre isso. Aí eu visitei várias universidades do Brasil e aí fiz meu relatório, mas aí foi um negócio pessoal: ele me contratou para fazer o relatório. E foi a última vez que eu tive qualquer contato com a Fundação Ford e isso já faz... Em 1996, eu e o Carlos resolvemos parar com essa coisa de estudar relações raciais, porque isso é um gueto (no Brasil é sempre um gueto) você escreve uma coisa sobre, digamos, religião na China aí você vira “O mago da religião na China”, você é a grande autoridade sobre “Religião na China” e só te convidam para trabalhar e falar sobre religião na China, você quer trabalhar com outra coisa você não consegue. Com também uma série de aborrecimentos que o Carlos teve lá no centro Afro-Asiático e com a chegada dos economistas que no governo Fernando Henrique, o que aconteceu? Eu tenho impressão que era

para preparação para [INAUDÍVEL] ou qualquer coisa que o valha, Eles encomendaram a uma série de economistas – o Sergei Soares, o Ricardo Henriques, aquele Roberto, um economista historiador que trabalhava com escravidão, que foi presidente do IPEA – estudos sobre relações raciais e repetiram tudo que a gente tinha feito só que ignorando solenemente o que a gente tinha feito, é como se eles tivessem começando tudo de novo, *breaking the news* ao povo. Frente a isso eu disse: “Bom, não vou recomeçar tudo, já temos já quem nos substitua e vamos tratar da nossa vida fazendo outras coisas. E a gente fez. A Faperj¹⁰ nos financiou uma pesquisa que deu origem a um livro chamado *Origens e Destinos*. A gente foi fazer outras coisas.

L.O. – Isso é interessante e importante, volta ao que ela... Quer dizer, o tipo de pesquisa essa, quantitativa, no fundo tem um custo alto e no fundo precisa de financiamentos ou do Estado ou de grandes agências...

N.V. – Por isso mesmo entrou em crise quando a Ford parou de... Porque o Estado não financiava, a Ford era a única que dava dinheiro pra esse tipo de pesquisa deixou de dar, os nossos colegas odeiam. E aí, como é que você faz? Então a gente parou e intensificamos a ampliação de dados públicos, basicamente os dados de Pnad e...

L.O. – Porque o IBGE é o produtor dos dados públicos, mas mesmo assim pouca gente usa porque pouca gente sabe usar.

N.V. – Exatamente. Mas enfim é isso.

L.O. – Eu vou fechar. Quero dizer que estamos... Eu lhe procurei em torno dessa questão da Fundação Ford, mas eu acho que a bem da verdade a entrevista do Nelson devia se enquadrar num projeto que nós temos de Cientistas Sociais de Língua Portuguesa. Porque é mais relevante enquanto um campo, uma coisa que aconteceu do que diretamente em relação à Fundação Ford.

H.A. – Mas achei que ele trouxe dados bem bons sobre a Ford também nessa visão aí...

¹⁰ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

L.O. – Então eu queria agradecer você.

N.V. – De nada, foi um prazer. Espero ter sido útil.

H.A. – Foi sim, com certeza.

N.V. – Desculpe, eu não sei datas realmente.

[FIM DO DEPOIMENTO]